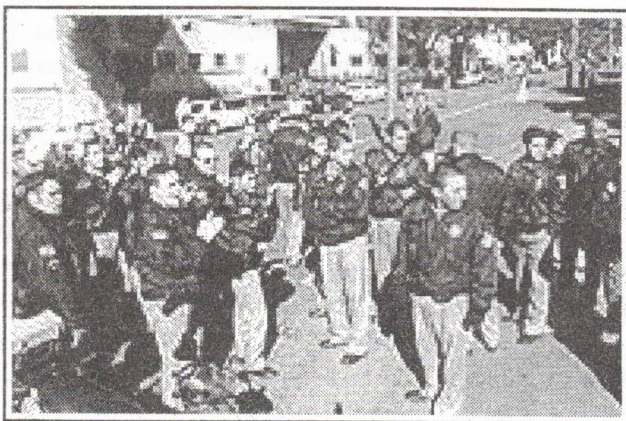
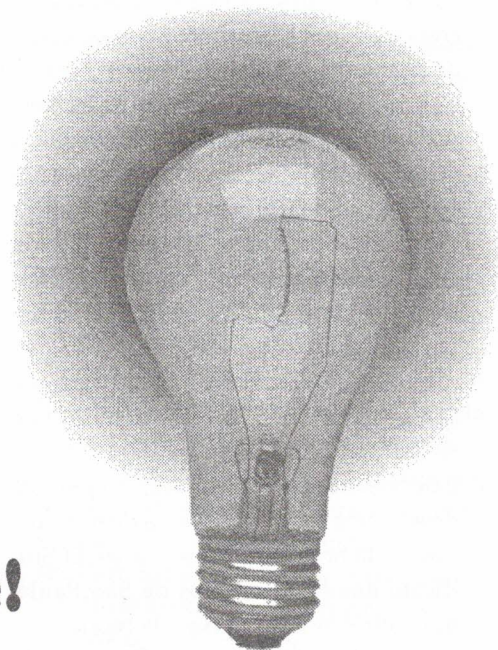


EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ÓRGÃO BISEMANAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO XII - Nº 215 - DE 21 DE MAIO A 05 DE JUNHO DE 2001 - R\$ 1,00

**Contra o apagão e a taxaço:**  
**Fim das privatizações!**  
**Reestatizar as privatizadas**  
**sob controle operário!**  
**Nenhuma taxa ou imposto**  
**sobre os assalariados! Que os**  
**capitalistas paguem pela crise!**



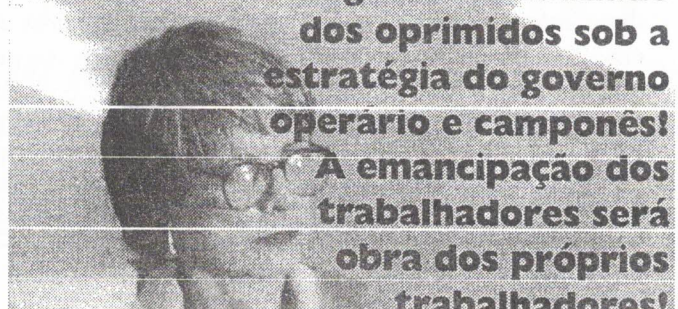
**As greves se espalham pelo país.**  
**Enquanto isso, a oposição reformista**  
**e seus aliados distraem as massas**  
**com a campanha pela CPI da Corrupção.**  
**A unidade nacional dos movimento s**  
**depende da independência de classe!**

**Bolívia URGENTE:**  
**Apoio à luta**  
**revolucionária!**  
**Liberdade às**  
**lideranças presas!**



**Fora com a conciliação de classe!**  
**Rechaçar as ilusões na farsa das CPIs!**  
**Pelos Tribunais Populares, para julgar**  
**e punir de verdade a burguesia corrupta!**

**Organizar a unidade**  
**dos oprimidos sob a**  
**estratégia do governo**  
**operário e camponês!**  
**A emancipação dos**  
**trabalhadores será**  
**obra dos próprios**  
**trabalhadores!**



# Quinzena de Luta do Movimento Operário

## Que Redução da Jornada de Trabalho?

No final do mês de abril e início do mês de maio, as direções do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (ligado à CUT) e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (ligado à Força Sindical) resolveram levantar a bandeira de **redução da jornada de trabalho** para combater o **desemprego**. Baseadas na crença de que é possível, na atual etapa de decomposição do capitalismo, a geração de empregos sem atacar os interesses dos patrões, essas direções cantaram vitórias sobre “acordos” fechados com as empresas sobre esta questão.

O **Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**, comemorou, numa assembléia festiva, a implantação da jornada de 40 horas semanais, desde o dia 02/05, na fabricante de autopeças Metal Leve de São Bernardo do Campo. Além do fato de cerca de 42% dos quase 100 mil trabalhadores de sua base já fazerem jornada de 40 horas semanais e cerca de 68% menos de 44 horas previstas por lei. O **Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo**, quer aproveitar a “deixa” da redução da jornada da unidade de São Bernardo do Campo da Metal Leve para reduzir também a jornada na unidade de Santo Amaro. E comemora acordos fechados com as empresas Glicério (jornada de 40 horas semanais, a partir de 1º de julho); Edwards Lifesciences Machi (40 horas semanais ainda em maio); Supergauss Produtos Magnéticos (redução gradativa com 40 horas em julho de 2002) e Metalúrgica Prada (40 horas semanais, a partir de julho). Diz ainda que 55 mil dos 290 mil trabalhadores de sua base já trabalham menos de 44 horas semanais.

É bom destacar que o acordo fechado entre o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e a Metal Leve de redução de jornada de trabalho, na verdade, se dará através do aumento do número de “folgas” dos trabalhadores aos sábados. Além disso, esta redução da jornada começou em 1991, com 42 horas e 43 minutos, e, gradativamente, foi diminuindo para 42

horas, em 1997, e para 41 horas, em 2000. Desta forma, levou 10 anos para se diminuir cerca de 3 horas de trabalho e se chegar a jornada de 40 horas, tão alardeada pela direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

**Essa redução de jornada de trabalho combate o desemprego?** Na Metal Leve, por exemplo, a redução da jornada de trabalho, que iniciou-se em 1991, teve repercussão mesmo no ano 2000, com um aumento de apenas 189 funcionários, porque a empresa foi forçada a atender a demanda das montadoras. Em uma empresa de motores, de Sto. Amaro, com 600 funcionários (que a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo não mencionou o nome) o acordo fechado poderá gerar somente 80 vagas. Em outras empresas, não houve contratações.

Nos dois casos, trata-se de uma elevação ínfima de postos de trabalho diante do quadro de desemprego, onde somente no ABC há 220 mil desempregados, de acordo com dados do Dieese e da Fundação Seade, e em São Paulo há 1,170 milhão, de acordo com dados do IBGE. E isso num momento em que a indústria no ABC, segundo o Dieese, criou 16 mil vagas. Fica claro, portanto, que o capitalismo é incapaz de absorver a totalidade da mão-de-obra existente, pois não há possibilidades dele desenvolver como um todo as forças produtivas, sobretudo a força de trabalho, que delas faz parte.

As empresas de autopeças parecem ser o maior alvo dos sindicalistas. De acordo com o Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores), que representa os patrões, não há possibilidade de acordos de redução de jornada de trabalho generalizados, pois isso aumentaria os custos das empresas. De 1997 até 2001, as empresas do setor eliminaram 15 mil postos de trabalho, por causa da queda da demanda das montadoras. Daí, agora não pretendem contratar

mais trabalhadores e implementar 3 turnos de produção para acompanhar o aumento da demanda das mesmas, pois entendem que não há certeza de uma alta da produção, que o mais provável é um curto lapso de crescimento.

**Tudo isso demonstra qual é o verdadeiro objetivo dos capitalistas:** lucro constante e progressivo e não concessões aos trabalhadores.

**Para os reformistas** da direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (e da CUT como um todo) e os defensores direitistas do capitalismo da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (e da Força Sindical como um todo) acham que a “conquista” de algumas vagas de trabalho em algumas empresas já é um combate ao desemprego. Da mesma forma, acham que a diminuição da jornada que, na maioria dos casos, se dá conforme os interesses dos patrões pela jornada flexível de trabalho, vai gerar mais postos de trabalho, isto é, contratações. Essas direções sindicais iludem os trabalhadores.

**Nossa resposta:** o problema do desemprego é intrínseco a atual fase de decomposição do capitalismo que não permite o desenvolvimento das forças produtivas como um todo. Ou seja, nem a força de trabalho e nem os meios de produção que compõem as forças produtivas podem se desenvolver ao mesmo tempo por toda a produção capitalista mundial. Na verdade, o desenvolvimento das mesmas está bloqueado pelos interesses de lucro dos patrões, pelas relações sociais capitalistas de produção.

Desta forma, levantamos a bandeira de redução de jornada de trabalho através da aplicação da escala móvel de horas de trabalho, para gerar emprego a todos os trabalhadores, como forma de se chocar com o próprio capitalismo, de se chocar com os interesses dos patrões que só se preocupam com seus lucros.

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

## Escândalos e mais escândalos

# Parlamento podre, burguesia podre

Em torno da violação do painel do Congresso, os partidos negociam não adotar a CPI da corrupção, que envolve o poder do Estado. O PFL e seu líder Antônio C. Magalhães têm a palavra final sobre a CPI. O PSDB e PMDB têm a palavra final sobre a cassação.

A oposição (PT/PDT/PSB etc) já havia conseguido o número necessário para instalar a CPI quando o governo "comprou" com verbas orçamentárias os parlamentares necessários para que tirassem o nome, além do que os asseclas do PFL, PSDB e PMDB negociavam evitar a cassação dos mandatos dos violadores do painel.

O relator do Conselho de Ética, Saturnino Braga (PSB), atrasou o máximo que pôde seu parecer para que as pressões e negociatas seguissem seu curso. O Presidente da República - cúmplice de corruptos - declarou que não estava por detrás do acordão e mostrou-se interessado na cassação de ACM, que o denunciou de convivência com a corrupção. Por debaixo das aparências, as negociatas em torno de uma pena leve para ACM/Arruda em troca do PFL inviabilizar a CPI da corrupção correram solta; e ainda correm, mesmo depois de Saturnino apresentar seu relatório com o parecer de abertura de processo de cassação.

Houve um momento em que tudo indicava que Saturnino acabaria por desviar o caminho da cassação. O atraso na exposição de seu parecer serviu para que os facínoras pudessem expressar o resultado das negociatas. Mas as forças pró e contra cassação e pró e contra a CPI não puderam alcançar um denominador comum. O relator, que é da oposição burguesa (PSB) e que aspira ir para o PT, não teve outra saída senão se pronunciar pelo processo de cassação.

Feito isso, dá-se mais um prazo para as quadrilhas em conflito se repositonarem e influenciarem o Conselho de Ética. Agora, cria-se a expectativa de que a cas-

sação é irreversível. Abre-se, então, a porta da renúncia.

Para o setor governamental que almeja o afastamento de ACM do Congresso, essa seria a melhor solução, desde que negociada com o PFL a inviabilização da CPI. Os partidários de ACM ainda contam com a ameaça de apoio às pretensões da oposição. Na retirada dos nomes da lista pró-CPI, ACM compareceu como aquele que fez um gesto de favor ao governo esperando ser correspondido com a mesma moeda. Como se vê, joga-se com todo tipo de cartas, e as "regras" são criadas e desmanchadas segundo os interesses e a força política das quadrilhas burguesas que comandam o Estado e dão feição à democracia.

A oposição, tendo à frente os reformistas do PT e a burocracia sindical que o segue, comparecem como médicos sanitários querendo desinfetar o chiqueiro e torná-lo saudável, floral e perfumado. Ocorre que a confluência da fraude do painel, a monumental sangria dos cofres públicos com os desvios na Sudene, Sudan etc e a retomada do caso Caimã (novamente abafado) refletem a podridão da classe burguesa, de seu Estado e de sua democracia. Não se trata simplesmente do mal caráter deste ou aquele político, de ACM, Járder Barbalho ou FHC, mas sim e da decomposição da burguesia, enfim, da decadência do capitalismo, que terá de ser sepultado pela revolução e ditadura proletárias.

### Repressão na Bahia, mais um ataque da oligarquia

A ocupação do campus da Universidade Federal da Bahia, perseguição, espancamentos e prisões de manifestantes não são novidade. O governo baiano é títere de ACM.

O oligarca se bate contra as forças até ontem aliadas a ele no governo federal para que não cheguem ao extremo de sua cassação. Em sua campanha, arregi-

mentou artistas como Gal Costa, escritores como Zélia Gattai, mulher do estalinista Jorge Amado, jogadores de futebol etc. Todos que comeram em suas mãos estão sendo chamados a prestar solidariedade ao chefe da Bahia.

O movimento estudantil, cuja liderança mais forte é do PCdoB e PT, saiu às ruas para pedir cassação do larápio. Mesmo contando com apoio de organizações da ordem burguesa, como OAB, ABI, CNBB, setores do PMDB, PSDB etc, não se evitou a brutal repressão às manifestações pró-cassação e CPI.

O comandante da tropa simplesmente desconheceu a liminar expedida por um Juiz autorizando a passeata, requisitada pela direção reformista e legalista. A tropa de choque é comanda pela força burguesa dominante, no caso a fração de ACM, que como coronel comanda o estado.

### O POR defende a bandeira de tribunal popular

Não se trata de limpar o Congresso, torná-lo ético e respeitável perante as massas trabalhadoras, como defende o PT e aliados. Esse poder do Estado não pode ser limpo de podridão. Mas isso não é o principal. O parlamento é um instrumento da burguesia contra os trabalhadores. Não se deve alimentar a ilusão de que um parlamento composto por homens honestos, de partidos comprometidos com a população, poderá ser colocado a serviço dos oprimidos.

É necessário que o movimento popular se contraponha de conjunto ao Estado e se apoie inteiramente em suas reivindicações próprias.

Nossa bandeira: "Abaixo o governo burguês, de ladrões e de miséria dos trabalhadores." "Por um governo operário e camponês." "Pôr em pé um tribunal popular para apurar e punir os crimes da burguesia contra os explorados e o país." "Sair às ruas para combater a exploração e os exploradores."

## O Modo petista de governar

# Política habitacional do PT em São Paulo

A Prefeita Marta Suplicy enviará, até junho, segundo a previsão de Arlindo Chinaglia, à câmara municipal, o projeto "Fundo de Aval de Habitação". Espera-se iniciar a recuperação do centro de São Paulo e breçar a "degradação urbana".

Segundo o secretário de Habitação, Paulo Teixeira, a prefeitura impedirá novas ocupações de áreas públicas e o desenvolvimento de favelas. *"A intenção é bloquear o desenvolvimento de novas favelas. Montou um novo barraco em área pública desocupada, vamos retirar. Essas pessoas devem se cadastrar nos nossos programas e, enquanto não são atendidas, procurar os albergues ou voltar para a casa de parentes."* (Folha/SP)

Essa diretriz está sendo conhecida como "caça barracos", que nos parece bem apropriada para a política habitacional do reformismo.

O pensamento do secretário de Implementação das Subprefeituras completa o objetivo do "caça barracos": *"Não há dúvida de que é uma situação socialmente dramática. Mas temos de estancar esse processo de favelização. A função do poder público é de impedir o que não pode ser feito. E isso vale para o barraco."* Está aí uma das conclusões essenciais do "modo petista de governar" (a função do poder público é impedir o que não pode ser feito) e que leva à conclusão (ação administrativa) - caçar barracos.

O pequeno-burguês filisteu narra com sentimentalismo uma de suas experiências no Parque Cocaia. *"Visitei o local há quatro anos. Já era uma área pobre e irregular, mas as pessoas tinham sonhos, mostravam áreas para construção de praças e escolas. Hoje essas áreas foram ocupadas, e até os sonhos delas acabaram."* Que aberração! O que conta é a necessidade de um teto e não o sonho de uma praça ou escola. Quando não se tem onde morar, nada mais importa.

A meta do PT é reurbanizar o centro da cidade fazendo com que parte dessa população favelada e cortiçada saia de seus locais e passe a morar de aluguel. O secretário Teixeira calcula que "os moradores de cortiço têm uma renda familiar de cerca de 400 Reais", o que lhes "permitem que paguem aluguel." Preten-

de-se construir 500 apartamentos segundo a orientação do projeto Cingapura (Maluf/Pitta).

Não há como desfavelizar e descorticar quaisquer dos grandes centros urbanos, muito menos São Paulo. Toda vez que se traça tais projetos, pode-se esperar repressão aos pobres e miseráveis que ocupam terrenos e levantam suas moradias. Constrói-se alguns prédios do tipo Cingapura para mostrar que a administração de plantão preocupa-se em resolver o problema da moradia e com a outra mão promovem-se despejos.

Há reivindicações de bairros operários e de cortiços, como regulamentação do solo, solução de engenharia civil para áreas de risco (encostas), urbanização, reconhecimento da moradia etc, que a Prefeitura simplesmente ignora ou pretende remover moradores, como é o caso da Vila Nova Real, zona norte. Para isso não há dinheiro ou, segundo o critério capitalista de custo/benefício, não vale a pena.

Não há interesse em atender as reivindicações dos movimentos de moradia, que tanto o PT afagou, porque o orçamento tem outro destino, via de regra ditado pela influência das empreiteiras, construtoras, fornecedores etc. A posição de Marta/Teixeira/Chinaglia/PT de impedir novas ocupações responde às reclamações de setores burgueses de que a Prefeitura não coíbe as ocupações e loteamentos clandestinos.

A superexploração e o desemprego obrigam milhões a viver em precárias condições. O processo de ocupação de qualquer pedaço vazio da cidade - de vãos de viadutos a encostas de serras - ou habitações vazias, e a transformação de velhos prédios em cortiços é impossível de se eliminar sob o capitalismo. Constantemente, esse regime gera novas leva de pobres que não podem pagar aluguel e parte deles nem mesmo o pão.

Um exemplo da situação dramática: estima-se que mais de 50% dos moradores do Cingapura, que pagam uma prestação de 60 Reais, estão inadimplentes. Pressupunha-se que essa faixa da população pobre pudesse pagar tão baixa prestação, tendo como referência os aluguéis. Mas se vê que sequer têm 60 Rea-

is. O melhor que se pode fazer é anistiar a dívida.

A operação caça barraco do PT é uma aberração típica de uma administração burguesa. O critério assumido por Chinaglia de que a função do poder público é de coibir o que não se pode fazer tem a função de atacar os pobres e miseráveis. Vejam só: os novos barracos serão desmontados - segundo a orientação humanista dos reformistas - seus moradores cadastrados e, se não têm parentes para abrigá-los, serão levados para dos 14 albergues municipais, que pelas informações estão repletos.

O que a Prefeitura petista está fazendo é a defesa da propriedade do solo e proteção dos interesses da burguesia, sejam no Estado ou particulares, já que o crescimento das favelas ou a proximidade delas desvaloriza os terrenos e a ocupação ataca o comércio em geral e o imobiliário em particular.

Nossas bandeiras: fora a operação caça barraco! Ocupar e construir as casas onde os pobres decidirem morar! Que a prefeitura regule imediatamente as ocupações e construções! Que os moradores dos Cingapuras inadimplentes tenham suas dívidas habitacionais quitadas! Nenhuma desocupação ou transferência sem o consentimento dos moradores! Destinar orçamento da Prefeitura para urbanizar os bairros pobres e resolver as situações de risco de acordo com a vontade dos moradores!

### **É necessário constituir um Conselho Popular contra a fome e miséria**

O movimento de moradia está loteado entre os partidos oficialistas, o PT e Igreja. Via de regra servem aos interesses eleitorais. Em todos os bairros operários, favela e cortiços há um parlamentar-padrinho. A penetração da política burguesa nos lares dos trabalhadores constitui uma trava para unir o movimento popular contra a fome e miséria, sob a direção da classe operária.

Volta e meia se fazem manifestações segundo o critério eleitoral. Um exemplo: na Vila Nova Real, o PT dirigiu o movimento contra a intenção do Prefeito

Pitta de desocupar a área. Alugou-se ônibus e se fez protesto na Prefeitura. Depois que Marta foi eleita, o PT pôe em andamento a mesma decisão de Pitta, com a diferença que apregoam uma saída pacífica, com a promessa de novas habitações. Os moradores não querem sair. Não podem deixar seu bairro para um outro totalmente distante de onde ti-

ram o sustento. Não podem pagar mensalidades etc. Mas os petistas insistem que têm de sair pelo seu bem, para resolver a área de risco. Na verdade, o PT quer acionar o Projeto Cantareira, de interesse das corretoras, de ricos empreendimentos e prazeres de viver da classe média alta.

O controle eleitoreiro do movimento

dos oprimidos causa grandes prejuízos às necessidades dos explorados e à luta contra o capitalismo, sem a qual se perpetua a fome e miséria da maioria. É necessário constituir um conselho popular independente da política estatal e eleitoral, que tenha por base princípios, método de luta e programa dos explorados.

## **PSTU versus Lula em São José**

# **Elogio à Embraer privatizada**

Em 4 de maio, Lula foi à Embraer expressar solidariedade contra a Bombardier canadense, sua concorrente internacional. A direção do Sindicato Metalúrgico de São José dos Campos, composta pelo PSTU, pretendia acompanhá-lo e expor as reivindicações dos operários, segundo o artigo de Opinião Socialista.

Como os donos da empresa não fizeram o convite aos sindicalistas, estes entregaram uma carta para que Lula lesse aos empresários. Terminou a visita amistosa aos capitalistas e Lula não a leu. Depois alegou aos diretores do Sindicato que não houve tempo. Mas teve suficiente energia e tempo para derramar elogios à Embraer privatizada. Disse que a Embraer era democrática e motivo de orgulho. Fez a clara defesa da privatização, procurando diferenciá-la e justificá-la diante da situação de quando era estatal.

Eis um trecho de sua declaração: "O fato da Embraer ter sido privatizada diferentemente de outras empresas foi importante".

Frente a essa atitude, o PSTU escreveu um artigo lamentando a mudança de posição do candidato do PT à presidência da República, que, em fevereiro de 1994, denunciou o governo de que-

brar a Embraer para desestatizá-la e defendeu que "A privatização só vai ser barrada se os trabalhadores se mobilizarem e lutarem contra esse processo."

O PSTU se esquece que Lula é um político integrado à política burguesa. E que suas palavras são lançadas ao ar de acordo com as conveniências do momento. Em outras ocasiões, mostrou-se favorável à privatização segundo critérios. Na visita à Embraer, esta lhe pareceu encaixada ao seu critério.

O fato é que o PT se rendeu à estratégia privatizante imposta pelo imperialismo, apenas procura se diferenciar do Plano FHC em aspectos. Lula tem feito de tudo para se tornar membro da comunidade burguesa, inclusive renegando sua origem proletária. Mas, como dissemos, não se trata apenas de um homem e sim da linha política traçada pelo reformismo, cujo conteúdo é pró-capitalista.

Nada disso impressiona a militância marxista, que se esmera em ir às raízes sociais da política e das condutas. O problema está em que o PSTU se caracteriza por desenvolver uma política centrada, que oscila entre o reformismo e o marxismo. Eis por que não pode revelar o fundo das atitudes pró-burguesas de Lula.

O PSTU tem apoiado sistematicamente a candidatura de Lula, com o argumento de que é uma referência para a classe operária.

No Primeiro de Maio, José Maria, membro do PSTU e da direção da CUT, dirigiu todo seu discurso para defender a candidatura de Lula e união das esquerdas em torno dela. Três dias depois, Lula elogia os capitalistas que arrocham os trabalhadores e reprime o sindicato, nega-se a ler a carta do sindicato e se posiciona a favor da privatização.

Quando o PSTU apóia Lula nas eleições, omite dos trabalhadores tudo o que sabe sobre a conduta antioperária e pró-burguesa. No momento em que o vendido vai à Embraer se congarçar com os opressores, o PSTU acolhe a fala do diretor do sindicato demitido na greve, Edmir da Silva, que chocado e desenxavido diz: "Fiquei sem saber o que falar para a peãozada. Pensei que fôssemos acompanhar a visita, mas nossas questões não foram sequer levadas à diretoria." Está aí estampada a desilusão.

O PSTU alimenta a ilusão escondendo com sua política oportunista a essência da política burguesa do PT e de seu líder. Com certeza, o PSTU continuará escondendo que Lula é um traidor da classe operária.

## **Rondônia**

# **Campanha dos 130 anos da Comuna de Paris**

**Como parte da campanha os companheiros de Rondônia prepararam um curso sobre "A guerra Civil na França", importante obra de Karl Marx sobre a experiência do proletariado parisiense de 1871, além das mensagens da Associação Internacional dos Trabalhadores (1ª Internacional) sobre a guerra franco-prussiana de 1870-71.**

# O governo impõe mais taxas com o pretexto da falta da Energia

O governo FHC impôs um pacote de medidas contra a suposta falta de energia no Brasil. A população terá de fazer uma redução no consumo de energia de 20%, ou será multada e terá cortes de luz de 3 a 6 dias por mês. A multa pode ir de 50% até 200%, dependendo do nível de consumo. A grande maioria terá de arcar com a multa, pois a faixa de 100 kWh a 500 kWh é a da maioria das residências familiares. Basta lembrar que só uma geladeira consome mais de 40 kWh num mês.

A alegação do governo é a falta de chuvas e a falta de investimentos na produção e distribuição de energia. Mas a verdade é que a privatização de parte do setor elétrico e o corte de investimentos no setor, promovidos pelo atual governo, são os fatores determinantes. Tanto é assim que há sobra de energia e água nas regiões norte e sul. Energia que não pode ser aproveitada pela falta de linhas de transmissão.

A privatização da eletricidade colocou esse elemento básico nas mãos e na dependência do capital financeiro inter-

nacional. As usinas são projetadas para aguentar períodos de estiagem e secas, a partir de reservas. Quando, há alguns meses, a produção industrial crescia, os novos donos das usinas mandaram soltar a água de modo exagerado, deixando as usinas sem reservas. Mesmo que a chuva caísse normalmente, haveria problemas de falta de energia no sudeste.

Não interessa aos investidores fazer grandes investimentos no setor de produção de energia, pois as previsões para a economia mundial são de estagnação. Investir sem ter retorno rápido não lhes compensa. Assim, a energia do Brasil ficou nas mãos de um punhado de agiotas que jogam com o fornecimento de acordo com seus interesses de lucro.

O governo ainda se aproveita da situação para impor um novo imposto. Para atender às exigências dos credores internacionais, taxa ainda mais a população, a fim de criar recursos para manter religiosamente o pagamento dos juros da dívida pública, várias vezes maiores que os do mercado internacional. É mais parasitismo sobre o país semicolonial.

O descaramento do governo é tamanho que nem mesmo se preocupou com a formalidade das medidas. Fala em falta de chuva, mas não há falta de água. Fala em redução de consumo, mas são os que desperdiçam mais os que podem escapar da taxação, pois quem economiza não tem como reduzir ainda mais seus gastos. Fala em apagões, mas os técnicos afirmam que haverá desperdício com o resfriamento de geladeiras, aquecimento de fornos etc.

Esses fatos mostram que toda a encenação serve para impor os interesses dos capitalistas que adquiriram as estatais elétricas e dos parasitas da dívida pública, interessados no aumento de impostos.

A resposta dos oprimidos tem de ser: nada de cortes de luz! Nada de mais taxas e impostos! Que os capitalistas paguem pela crise! Fim das privatizações! Reestatização das privatizadas sob controle operário! Ampliação da produção e distribuição da energia!

## Rondônia

# Ato de 6 de abril

O ato foi convocado pela CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores de Educação) e implementado pelo sindicato em nosso Estado. O momento era propício à paralisação. Havia a greve dos portuários em São Paulo e no setor de transporte coletivo e manifestações de camponeses em alguns Estados. Nem a CNTE fez esforço para que houvesse um movimento nacional contra as medidas de destruição da ensino público e nem os dirigentes sindicais aqui de Rondônia. O resultado foi uma manifestação tímida em frente ao Palácio Getúlio Vargas.

Os burocratas sindicais fizeram do ato um palanque eleitoral onde só foi garantida a palavra dos políticos conciliadores. As bandeiras eram de "CPI contra a corrupção", portanto a linha do reformismo petista. E das formas eleitoreiras e legalistas para responder às medidas governamentais.

## Ato de 1º de maio

Em Rondônia, o ato constituiu em brinquedo dos burocratas da CUT e sindicatos filiados, que não mobilizaram os trabalhadores. Tudo se resumiu a uma débil pantletagem

convocando para um ato público na praça Marechal Rondon. O mais grave foi que os burocratas não compareceram na hora marcada para o ato. Veja a que ponto chega a conduta dessas direções sindicais. A consequência disso é a perda de confiança de um setor dos trabalhadores com o sindicato e a Central.

## A política do POR

O POR defendeu a paralisação dos trabalhadores e a defesa do método da ação direta. Criticou a conduta da burocracia sindical que cria ilusões no eleitoralismo e nos métodos parlamentares, a exemplo do CPI da corrupção que não passa de um instrumento político do jogo burguês. Mostrou que a derrubada dos planos antinacionais e antipopulares de FHC/Bianco/Camurça será sobre a base dos enfrentamentos de massa nas ruas (greves, bloqueios, ocupações). E chama os trabalhadores a romperem com a estratégia reformista da burocracia sindical e a engrossarem a luta pela construção das frações revolucionárias no interior dos organismos dos trabalhadores e os organismos populares nos bairros (conselhos, comitês).

## A tendência da situação

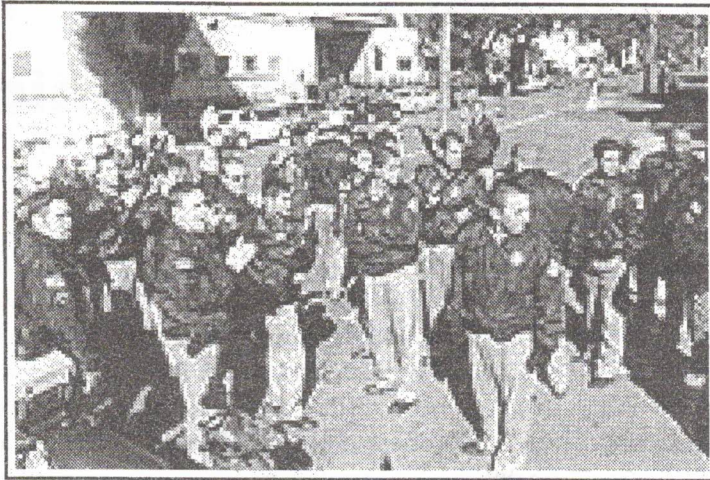
# Crescimento da mobilização grevista

Nesses dois últimos meses, os trabalhadores têm saído às ruas contra o arrocho salarial, privatizações e demissões. Os portuários de Santos realizaram uma greve contra a privatização da escala de mão-de-obra dos estivadores, quebrando assim o controle de quase 70 anos feito pelo sindicato. Em vários Estados, houve greve no setor de transporte. Em Brasília, os motoristas e cobradores estiveram paralisados por 5 dias. No caso de Fortaleza, os motoristas de ônibus decretaram a greve e movimento tem se radicalizado. A vitória da greve depende da ação contra os patrões e governo que insistem em quebrar o movimento colocando os ônibus para circular. Os grevistas responderam com mais 900 ônibus danificados (pneus, vidros, pára-choques etc). Na capital do Maranhão, São Luís, os condutores estão em greve há três dias e ações são radicalizadas. Em São Paulo, só não houve uma greve geral dos ônibus porque a prefeitura aceitou aumentar as tarifas, atendendo aos interesses patronais.

Outros setores estão aprovando a indicação de greve para o próximo período. Os metroviários de São Paulo prometem, caso o governo não atenda as reivindicações, iniciar a greve a partir do dia 29. O sindicato da saúde realizou assembléia e aprovou a indicação de greve para o início de junho. As universidades públicas (USP, UNESP e UNICAMP) estão em campanha salarial e prometem paralisação se o governo não atender.

Na educação, houve paralisação em alguns Estados no início de abril. Piauí iniciou a greve no dia 7 de maio, exigindo que o governo Mão Santa (sustentado pelo PMDB, PSDB e PCdoB) pague o salário mínimo de R\$180,00 como vencimento básico. Na maioria dos Estados, professores e funcionários estão sem reajuste há mais de seis anos, o que tem provocado mobilizações.

No Paraná, as mulheres dos policiais em greve realizaram protestos contra a miséria salarial e exigindo a manutenção da gratificação.



Greve da PM no Paraná teve participação ativa das mulheres.

Em quase todas as regiões, o MST tem feito marchas, ocupações e protestos contra a política de assentamentos de FHC.

Todas essas mobilizações e greves foram e são violentamente reprimidas pelo aparato policial do Estado. As manifestações de estudantes e trabalhadores na Bahia atestam a brutal violência do Estado burguês. O ato convocado pela CUT, Apeoesp, metroviários, saúde e outros setores do funcionalismo foi cercado pela tropa de choque do governo Alckmin (PSDB).

Como se vê, os trabalhadores têm saído às ruas para exigir mais salário, emprego e condições de trabalho.

### **Burocracia sindical atua contra a tendência instintiva das massas**

Os dirigentes sindicais não desenvolvem a tendência instintiva dos trabalhadores contra os patrões e o governo. Dificultam a realização de assembléias, não trabalham a unidade das massas oprimidas, não vão a fundo na radicalização coletiva do movimento e negam as reivindicações vitais (emprego a todos, salário mínimo real, escala móvel dos salários, aposentadoria pública e integral etc). Como não confiam na força coletiva da classe, a burocracia sindical está sujeita às pressões e acordos impostos pela burguesia. Diante das ameaças patronais, os burocratas aceitam promessas, conversa fiada de patrão, de eleitores ou então algumas migalhas, que logo em

seguida serão retiradas.

O governo conta com o recuo dos burocratas. Caso demorem para suspender a luta (em função da base radicalizada), contam com o julgamento da greve pela justiça do trabalho. Esta considera abusiva e exige que os sindicatos paguem multas pelos dias parados. Ainda, caso insistam nas ações radicalizadas, a burguesia e o governo utilizam do aparato militar repressivo para punir a vanguarda da luta e conter pelo terror o movimento.

Os trabalhadores, além de enfrentar o governo e o patronato, estão obrigados a se chocar com a política da burocracia sindical, que é de conciliação de classe.

### **Unificar os movimentos sob uma plataforma de luta grevista**

As massas trabalhadoras não estão suportando o peso da crise. O desemprego, o arrocho salarial, a perda das conquistas sociais, a privatização da saúde e da educação, o aumento das tarifas (energia e transporte) são algumas das consequências do plano de fome e miséria do governo FHC.

Não há outro caminho senão a luta radical grevista. A unidade e a construção dos comitês de greve são necessários para impulsionar a ação de massa e quebrar o obstáculo imposto pelos burocratas sindicais.

Aprovar a plataforma unitária de defesa do emprego (escala móvel das horas de trabalho) e da escala móvel dos salários e fim das privatizações (reestatização das estatais já privatizadas, sob o controle dos trabalhadores deve ser o ponto de partida.

A tendência de luta se manifesta em vários setores. Tudo indica que vai crescer a disposição de luta contra a política salarial e de desemprego do governo. Trata-se de unificar o combate e dirigi-lo contra o governo corrupto, de fome e miséria.

**Ceará-Mirim**

# Preparar a greve em defesa do emprego e do reajuste salarial

## Trabalhar imediatamente a unidade com os outros setores oprimidos

O boletim da Corrente Proletária na Educação denuncia os violentos ataques do governo FHC aos serviços públicos com as privatizações, parcerias, demissões, arrocho salarial. E, por outro lado, os escândalos de corrupção que tomaram conta dos partidos que sustentam o governo FHC. Mostra que, diante da crise, as quadrilhas que dirigem o Estado se degladiam em torno das verbas públicas, dos cargos no Estado, do controle do orçamento e da direção no Parlamento. É nesse momento que vem à tona a corrupção dos partidos burgueses, a exemplo do que ocorre hoje com o caso de Jader Barbalho (PMDB), Arruda (PSDB - agora se diz sem partido) e ACM (PFL).

No Rio Grande do Norte, a situação

não é diferente. Governo e prefeitos estão atolados na lama da corrupção. E implantam à risca as medidas impostas por FHC/FMI/Banco Mundial. Na educação, avançam as reformas privatistas como o PDE, PDDE, PCNs, ciclos etc. A reforma no ensino médio atingirá em cheio os professores e alunos, pois haverá cortes de disciplinas, redução da carga horárias de outras e implantação das tele-salas. A municipalização do ensino fundamental só serviu para obrigar os prefeitos a aceitarem a maioria dos alunos e escolas. A gratificação Fundef, que é uma miséria, está por um fio.

Em Ceará-Mirim não mudou nada com a administração de Ednólia Melo (PSDB). As escolas estão abandonadas,

salas superlotadas, funcionando em locais sem nenhuma estrutura como em bares, galpões (Lagoa Grande), não pagou os atrasados e continua a miséria salarial.

Como se vê, os motivos não faltam para a luta. O problema está nas direções sindicais. Estas não trabalham para a unificação e nem sob a bandeira da derrubada integral da reforma privatista da educação. A corrente proletária trabalha pela unificação dos movimentos e pela greve. E chama os companheiros a engrossar as fileiras da corrente proletária na educação, participando das atividades organizadas pelo Partido Operário Revolucionário.

## O caso Sudene prova que as CPIs são uma farsa

A CPI da Sudene aprovou, por 13 votos a 3, um relatório sobre suas investigações, que equivale a um verdadeiro atestado de honestidade a 478 empresas que cometeram irregularidades na aplicação do dinheiro da Sudene. Também há 272 outros projetos atrasados que estão muito abaixo daquilo que prometeram quando pegaram o dinheiro público. Sobraram apenas 53 empresas (das 531 iniciais que implicaram no devio de 1,43 bilhões de reais) mas que não serão investigadas, com a alegação que já correm processos contra elas na Justiça. A maioria dessas empresas tem ligação com os políticos burgueses mais destacados: Metais Seridó, que sumiu com uma parte dos 6,6 milhões de reais que pegou com a Sudene, tem como acionista o senador Fernando Bezerra;

a Frutop, que pertence a Tasso Jereissati, também foi inocentada.

Esse é apenas mais um caso de CPI que termina em pizza. As denúncias de corrupção, que é parte integrante do mecanismo do Estado burguês, são feitas por frações burguesas descontentes e utilizadas nas negociações e disputas pelo controle do aparelho do Estado e da política econômica. As CPIs são o palco onde se encena a farsa. Apresentam-se à população como meio de moralizar, mas acabam servindo para dar atestados de honestidade a bandidos.

Chamar as massas a seguirem os capitalistas em meio às suas disputas é distraí-las da ação direta e independente e fortalecer o engano com as instituições da democracia burguesa, que não passa da ditadura de classe dos ex-

ploradores contra os explorados.

A corrupção jamais será julgada pelos próprios corruptos, que são juiz e parte nas CPIs, como o senador Arruda, que integra a Comissão de Ética do Senado. Somente a constituição de Tribunais Populares, formados a partir da eleição de representantes nas assembleias e plenárias de base dos movimentos e com total independência da burguesia, é que se poderá julgar e punir de verdade, pela ação direta, os corruptos.

As correntes e partidos que chamam as massas a se desviarem da luta ou canalizá-la para as CPIs ajudam a burguesia a enganar as massas e a resolverem seus conflitos nos marcos de suas instituições.



**Fortaleza**

# Congresso da UECE: diletantismo e reformismo

O Congresso dos estudantes da UECE foi esvaziado e esteve sob a direção da política reformista (PT) e estalinista (PCdoB). Não houve nenhum empenho das direções para a eleição de delegados. Poucos eram os cursos onde houve tirada de delegados e os do interior vieram encabrestados pelo oportunismo do PCdoB, interessado nas eleições para o DCE.

O Congresso não teve como objetivo a organização dos estudantes para responder aos ataques do governo de destruição da universidade pública. Ao contrário, nem sequer houve apresentação das teses das correntes políticas e muito menos as reuniões de

grupos para debater as idéias e aprovar o plano de ação. Tudo se resumiu a algumas palestras com professora e parlamentares do PT. O PSTU, que fez parte de uma das mesas sobre a conjuntura nacional e internacional, defendeu a bandeira de um "governo do PT com um vice do MST" para as próximas eleições presidenciais (2002).

O POR esteve presente combatendo a política antinacional e antipopular do governo e o papel conciliador das direções estudantis. Denunciou o reformismo petista e o centrismo (PSTU) eleitoreiro e defendeu a unidade dos estudantes com o movimento operário para derrubar o plano de

fome e miséria do governo. Criticou o diletantismo e as manobras oportunistas das correntes que organizaram o congresso estudantil e defendeu um verdadeiro congresso com ampla participação das bases estudantis, assentado nos princípios da democracia operária.

O POR tem levantado a bandeira de escola pública, gratuita, laica, autônoma e vinculada à produção social. Estatização de todo sistema de ensino (expropriação da rede privada), sob o controle das assembléias universitárias. Fim dos vestibulares e acesso livre a todos. Nenhuma taxa aos alunos e que o Estado financie inteiramente o ensino.

**Lenin**

## A escola da prisão

Continuamos com as memórias de Nadezda Krupskaya, contidas no livro "Minha vida com Lenin". O título acima é dado por nós.

(...) "Logo pudemos nos contatar com Vladimir Ilich. Nessa época, os presos "preventivos" podiam receber tantos livros quanto quisessem; esses livros eram examinados muito superficialmente, e ninguém notava alguns pontos colocados embaixo de certas letras ou uma imperceptível modificação da cor do papel de um livro no qual se tinha escrito com leite. A técnica da correspondência clandestina melhorou rapidamente.

O cuidado de Vladimir Ilich para com seus camaradas era extraordinário.

Cada carta sua que chegava do exterior nos dava conselhos para a melhoria da condição dos presos: era preciso visitá-los, e abrigar àquela; avisar a um terceiro que uma carta para ele se encontrava em tal volume da biblioteca.

Entre ele e seus companheiros pre-

sos se estabeleceu uma troca de correspondência. Todos apreciavam enormemente suas cartas. Vladimir Ilich lhes dava valentia, falava lhes de sua tarefa.

Ao lê-las os presos esqueciam que estavam sentados ali na prisão, e não pensavam senão na ação. Recordo-me do efeito que produziram sobre mim essas cartas (em agosto de 1895 fui presa também), que escritas com leite chegavam-me lá de fora aos sábados, o dia em que recebia os livros. Uma olhada me permitia, graças ao sinal convencional, saber em que volume continha uma carta. Às seis se distribuía água quente para o chá, e depois a guarda acompanhava os presos de direito comum à Igreja. Então, eu cortava a carta em tiras, fazia a infusão do chá, colocava uma por uma das tiras na chaleira, e os caracteres apareciam (na prisão tinha sido difícil revelar a escritura com

uma chama e Vladimir Ilich havia criado o método da água fervente); destas cartas desprendia tal interesse, que eu estava com elas cheia de ardor. Assim como Vladimir Ilich livre era o centro de todo o trabalho, preso era o centro das relações com os lá de fora.

Além disso, trabalhava muito na prisão. Ali redigiu sua obra "Desenvolvimento do capitalismo na Rússia", além de folhetos de propaganda e manifestos e um projeto de programa para o Primeiro Congresso (que se realizou em 1898 mas que devia ser realizado antes). Para não deixar-se surpreender enquanto escrevia com leite, Vladimir Ilich fazia pequenos tinteiros de miolo de pão, e quando se abria a pequena janelinha da porta, engolia-os imediatamente." Hoje me lembro de ter comido seis tinteiros", escreveu uma vez".

## **Comitê de defesa pela moradia de Vila Nova Real QUE PROPOSTA O COMITÊ DEFENDE ?**

Os apoiadores da prefeitura no bairro, que também defendem a saída de nossas moradias, nos acusam de não termos proposta.

Devemos lembrar a toda comunidade que tal acusação é falsa, pois desde o início esse Comitê tem claro:

1. Não apoiamos a saída de nenhuma família de Vila Nova Real;

2. Que a prefeitura inicie imediatamente as reformas necessárias: construir muro de arrimo, impedir que a firma tire mais terra na área de risco, drenar a água que está infiltrando os alicerces de algumas casas etc.

É falso afirmar que não existe solução para nossos problemas aqui mesmo no bairro.

O parecer dos geólogos da prefeitura, que se trata de uma área de risco, é mentiroso. A posição deles é partidária. O local pode estar em risco, mas não é de risco. E está em risco porque a prefeitura não vem aqui assumir seu papel, que é o de zelar pelo bem-estar de todos e de

tudo que diz respeito à Cidade. Ao nosso redor, temos área muito mais acidentada, no entanto, as construções são as mais sólidas possíveis. Isso porque tais construções pertencem aos burgueses da redondeza.

### **Mas porque querem realmente nos tirar daqui ?**

Há interesse de várias imobiliárias por esse pedaço de terra. O motivo é que eles querem implementar o projeto Cantareira, que consiste em construir área de lazer (clubes com piscina, campo, etc...) para que a burguesia venha passar seus fins-de-semana longe da fumaça e do barulho.

Vocês sabem qual proposta os apoiadores da prefeitura defendem ?

1) Eles defendem que a prefeitura tire algumas famílias e as levem para serem jogadas em barracões;

2) Eles apóiam a promessa de apartamentos de Perus, mas não dizem quanto

vocês vão pagar. Que pagarão: água, esgoto, luz, coleta de lixo, etc;

3) Eles não dizem que as pessoas não-cadastradas não terão direito aos apartamentos. E nem dizem para onde vão essas famílias.

Enfim, eles não querem proteger as 200 famílias de risco. Mas querem tirá-las, para implantar o projeto Cantareira (o Recanto dos burgueses).

Companheiros de Vila Nova Real não dêem ouvidos a esses oportunistas, que se venderam e agora querem vender também até a casa de vocês.

**PARTICIPE DAS REUNIÕES DO COMITÊ DE DEFESA PELA MORADIA. - SEM UM COMITÊ DE DEFESA, VAMOS SER DERROTADOS. E A DERROTA É PERDERMOS NOSSAS CASAS.**

São Paulo, maio de 2001.

## **Excelentíssima Senhora Prefeita Marta Suplicy**

### **M.D. Prefeita Municipal da Cidade de São Paulo**

Vimos por meio desta solicitar à Vossa Excelência que suspenda o Auto de interdição referente às nossas moradias.

Na gestão do prefeito Pitta, foi expedido um auto de interdição que diz nossas moradias estarem construídas em área de risco. Agradecemos a preocupação do poder público com nossa segurança, mas não podemos concordar com soluções que nos tirem a casa, construída com muito custo. Não há maior risco do que nos tornarmos sem-teto ou então nos transferirem à força para lugares que nos desintegram da comunidade que cria-

mos.

Queremos permanecer na Vila Nova Real, local em que não só temos nossos lares organizados como também temos vida de trabalho e convivência comunitária.

Quanto ser área de risco, a prefeitura pode muito bem resolver o problema com obras, reparos e outras melhorias. Só assim podemos aceitar que alguma coisa de bom está sendo feito pela prefeitura. Os moradores da Vila Real se comprometem ajudar no que for possível para resolver os riscos.

Sabemos que onde existe um bairro de operários, na sua maio-

ria, muitos são os riscos. A causa está em nossos baixos salários e desemprego. Padecemos desses males porque somos explorados. Apesar dos trabalhadores produzirem toda riqueza, não temos moradias condizentes com o bem-estar que todo ser humano deve ter.

Considerando que agora a prefeitura está com o PT, esperamos que solucione o problema a nosso favor e não contra nós, como pretendia o prefeito Pitta.

Moradores da Vila Real  
Esperamos ser atendidos

# O Partido e sua Organização

Prosseguimos com a série de textos de formação escritos por Guilherme Lora iniciados no Massas n.º 160.

Devemos lembrar que este livro foi editado em 1983, mas que seus capítulos apareceram anteriormente separados. De um modo geral retrata o período da ditadura Garcia Meza (71) e o processo de abertura logo a seguir(77).

Este capítulo está inserido no segundo momento, onde o Partido tem se readequir organizativamente para aproveitar todos os espaços que o regime abre para amplia seu trabalho com as massas e principalmente a captação da nova militância. Aqui nesta parte demonstra o erro da militância em utilizar métodos errados para se aproximar das massas.

Devemos utilizar este texto como um aprendizado pois esta situação é muito parecida com a de uma corrente embrionária como a nossa

## **Manual do Organizador Captação Massiva de Militantes (II)**

Nossos militantes estão marcados por deformações próprias da clandestinidade. Um exemplo: se limitam a distribuir clandestinamente os panfletos partidários e nada além disto. Por isto não podem dizer como o homem da rua reage ante as nossas consignas. O grosso

da militância porista leva uma vida quase normal e todos os dias se move no seio das massas, nos centros de trabalho de ensino etc. desta forma o Partido não pode verificar imediatamente as reações moleculares que tem lugar no seio dos setores multitudinários. A militância dirigente, empurrada para a mais restrita clandestinidade e que não pode abandonar seu mísero quartinho (e que é uma minoria), se sente totalmente isolada do país, pois o resto de seus camaradas realiza um péssimo trabalho de contato com a população.

É correto que o panfleto (corpo de delito no conceito de nossos perseguidores) chegue sigilosamente até os operários, mas o trabalho do militante não deve acabar aí, tem que retomar as idéias contidas nos impressos e discutir com os operários sobre elas e explicá-las, pode fazê-lo de uma forma indireta e utilizando formas adequadas.

Esta forma de se trabalhar com a propaganda já foi assinalada várias vezes e tudo ficou como um simples enunciado para ser recitado em algum cursinho de captação. A falha é que este trabalho é considerado como estritamente individual, cujo êxito depende exclusivamente da iniciativa de cada militante. Em nenhum momento a célula tem dedicado a

planificá-lo de forma minuciosa, o que se traduz na não preparação da militância para este trabalho.

Podemos constatar que várias células recebem o pacote de panfletos e somente o distribuem nas fábricas e locais de ensino, geralmente esta propaganda é a preparada pela direção nacional ou pela direção regional. Este forma de trabalho (que é indigno de revolucionários, porque não faz a mediação da assimilação ou discussão da consigna) pode levar a que muitos militantes não compreendam adequadamente o significado da propaganda e inclusive que não estejam de acordo com ela. Todo este tenebroso panorama é encoberto pelo ato mecânico de soltar os "papeizinhos" na rua. Os militantes preparados desta forma individual, acabam se convertendo em corria de transmissão da pressão dos inimigos de classe, que são contrários a propaganda porista. Se algum militante não entender o verdadeiro sentido de uma consigna não pode assimilá-la ou defendê-la. Os militantes necessitam solidez política e programática para rechaçar a permanente influência negativa que sobre o POR exercem as diversas classes sociais.

Este capítulo está inserido no segundo momento, onde o Partido tem se readequir organizativamente para aproveitar todos os espaços que o regime abre para amplia seu trabalho com as massas e principalmente a captação da nova militância. Aqui nesta parte coloca algumas considerações sobre a necessidade de conhecer claramente uma consigna para poder levá-la às massas e o papel da direção neste processo.

## **Manual do Organizador Captação Massiva de Militantes (III)**

Os militantes necessitam solidez política e programática para rechaçar a permanente influência negativa que sobre o POR exercem as diversas classes sociais, mesmo assim não há dúvida que o maior peso pelas falhas das células em implantar a política partidária recai sobre os elementos da direção, que converteram as células em espécies de mensageiras en-

carregadas somente de distribuir boletins, que não ensinam o militante a atuar com as consignas no seio das massas, que não orientam para os verdadeiros trabalhos das células e que não cuidam para que as atividades partidárias se desenvolvam em equipe e não individualmente, sempre perseguindo um objetivo claramente determinado.

Existe um fenômeno que sempre se apresenta no Partido e que não foi devidamente estudado e muito menos superado. Alguns militantes e também certas

células sustentam a tese de que determinadas orientações políticas e consignas, ainda que ajustadas ao programa do Partido (portanto corretas em abstrato), não devem ser expostas em público por não serem populares e porque ao fazê-lo podemos ficar isolados. Os propagadores desta colocação denunciam sua inclinação a se somar, não importa a que consigna, em troca de conseguir uma popularidade barata e comprometedora. Estes aventureiros ousam chamar de política a esta mesclia de oportunismo e es-

perzeza da burguesia nativa. O lamentável e perigoso é que tais consignas são geralmente elaboradas pela burguesia. Devemos dizer com toda clareza que estes camaradas podem terminar, dando-se conta ou não, alinhados aos inimigos de classe, ou seja, assumindo posições contra-revolucionárias. O medo da impopularidade é uma forma encoberta de ceder à pressão política e ideológica da burguesia.

A linha e consignas políticas progra-

máticas corretas devem ser publicamente expostas e não ocultadas ou mutiladas. Outra coisa é que sejam utilizadas nos planos agitativos ou propagandísticos, conforme a situação política imperante. É recomendável que as consignas sejam oportunamente lançadas e de uma forma que auxilie seu êxito. O Partido usa o método da explicação paciente para as massas sobre o conteúdo de alguma de suas conclusões políticas, de sua confrontação com o desenvolvimen-

to dos acontecimentos, para vencer precisamente, a impopularidade. Para ajustar corretamente uma consigna pode realizar uma sondagem prévia no seio das massas.

O argumento da impopularidade é colocado, muitas vezes, para encobrir o rechaço a determinada consigna, quase sempre porque não a compreende corretamente. Quem não assimila corretamente o sentido da propaganda não pode levá-la até os explorados.

## Palestra e Debate realizada

# Escravidão: raiz do capitalismo no Brasil

O Partido Operário Revolucionário (POR) realizou no dia 13 de maio um debate sobre a escravidão negra no Brasil. Apoiado nas Teses sobre a questão negra, aprovadas no Quarto Congresso - novembro de 1922 - pela III Internacional Comunista, na época de Lenin, o POR expôs a história de mais de 300 anos de exploração e massacre dos negros no Brasil. Evidenciou a presença dos negros na formação do proletariado brasileiro. Mostrou as consequências dessa colonização sobre os trabalhadores negros, que sob novas formas se projetam na atualidade. E concluiu com a bandeira revolucionária de que a emancipação dos negros da miséria e de toda sorte de opressão social será parte da revolução proletária.

Uma das colocações da Internacional Comunista é a de que "A história reservou aos negros da América um papel importante na independência de toda a raça africana. Faz 300 anos que os negros americanos foram arrancados de seu país natal, a África, e transportados à América, onde foram objetos dos piores tratamentos e foram vendidos como escravos (...) sua recompensa tem sido a miséria, a ignorância e a degradação. O negro não era um escravo dócil, recorreu à rebelião, à insurreição, aos conflitos para recuperar sua liberdade; mas estas revoltas foram reprimidas com sangue".

Foi o que se passou com a colonização portuguesa no Brasil, onde o negro foi um dos pilares de sustentação da monocultura agro-exportadora. Calcula-se que 4 milhões e meio de africanos foram arrancados de seu continente e trazidos, inicialmente para os latifúndios açucareiros, depois para a extração de minérios

(ouro e diamante) e, em seguida, para as fazendas cafeeiras. As condições de trabalho eram subhumanas. Se nos latifúndios eram obrigados a uma jornada que chegou a 18 horas, nas minas as condições das galerias, a falta de oxigênio e as doenças eliminaram milhares de escravos.

Diante da brutal exploração, os negros se rebelaram de todas as formas possíveis. A existência de quilombos (núcleos de escravos fugitivos), em quase todas as regiões do Brasil, deixou de ser apenas um local de refúgio para se tornar um instrumento de luta contra a escravidão. O combate aos quilombos era uma necessidade vital para a continuidade do regime colonizador escravista metropolitano. Daí a repressão violenta desfechada por bandeirantes, capitães-do-mato e a polícia para liquidar com todos os focos de resistência. Além dos quilombos, os negros protagonizaram movimentos contra a escravidão. Entre eles, a revolta dos malês na Bahia (1835) adquiriu o caráter insurrecional. A participação dos negros em revoltas como Balaiada e Inconfidência Baiana sempre foi temida pelos próprios dirigentes dessas revoltas, pois trazia para o movimento os métodos e a luta concreta para eliminação da opressão escravista. Basta que lembremos a disposição de combate do quilombo de Pedro Cosme, no Maranhão, na revolta Balaiada, onde Cosme foi preso juntamente com 2400 negros, condenado e enforcado, enquanto que boa parte da liderança foi anistiada pelo governo. Portanto, a história da escravidão no Brasil está marcada pelo sangue dos trabalhadores negros.

Um outro aspecto discutido foi a

ação dos traficantes de escravos, que inicialmente coube à burguesia portuguesa e por quase dois séculos esteve sob o comando da Inglaterra. O tráfico de escravos foi um dos negócios mais rentáveis na época da acumulação primitiva do capital, período do capitalismo comercial. Coube à Inglaterra o poder de maior acumulação de riqueza de toda fase de exploração colonial e exploração do trabalho escravo negro. Somente com o desenvolvimento do capitalismo industrial e com ele a necessidade de romper com as amarras do colonialismo mercantilista (monopólios coloniais), a Inglaterra passou a condenar o tráfico negreiro e apoiar as "independências" das colônias na América. Esta era a via para a expansão do capitalismo inglês e domínio político sobre os débeis Estados nacionais que se formavam após a independência. Não é por acaso que até o final da 1ª guerra mundial, a América portuguesa e espanhola se tornou o quintal da Inglaterra.

Por fim, foi debatida a situação dos negros após a libertação, no final do século XIX (1888). Mostrou-se que o Brasil é constituído de grande contingente de descendentes africanos. Estes ocupam o lugar nas camadas mais pobres da população. E no interior dessas camadas são os mais discriminados (salários mais baixos, perseguições patronais e policiais, baixa escolaridade etc).

Em seguida, foram discutidas as propostas da CUT, PT e dos movimentos negros. Foi criticada a idéia de cotas de negros nas direções sindicais e movimentos populares, bem como a idéia de isolar as reivindicações específicas dos negros do movimento geral contra a

opressão social.

O POR encerrou o debate mostrando que a mentalidade colonialista escravista somente será derrotada através da revolução social. As reivindicações contra o racismo devem se dirigir contra a burguesia e fazer parte do programa proletário. E que o capitalismo nasceu sobre a matança no mundo todo. O capitalismo

precisou saquear, dissolver formas econômicas locais para penetrar em todas as fronteiras. A violência imposta pelas potências imperialistas custou e custa a vida de milhões e milhões de seres humanos. A opressão nacional e social são as leis de penetração e manutenção do sistema de exploração do trabalho. E que somente a revolução proletária poderá

destruir a violência da burguesia e de seu sistema econômico. A emancipação dos negros, das mulheres etc será resultado da luta pela destruição do capitalismo. O POR tem como tarefa compreender a realidade brasileira, da qual a escravidão é parte, para construir o programa da revolução e ditadura proletárias.

# HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL

## PARTE X: O ADVENTO CAPITALISMO MONOPOLISTA E A FORMAÇÃO DA GRANDE INDÚSTRIA NO BRASIL

A implantação do capitalismo industrial no Brasil não ocorreu da mesma forma que nos países de capitalismo desenvolvido como a Inglaterra, no século XVIII, passando pelas etapas clássicas de desenvolvimento: a etapa *artesanal* e depois *manufatureira*, saltando logo após para a formação da *grande indústria*. Na etapa artesanal, o artesão detinha o controle das ferramentas, da força de trabalho e da produção, repassando o excedente para o capitalista vender no mercado. Na etapa manufatureira já havia o controle das ferramentas (máquinas) e da produção, assim como o local de produção (fábrica) pelo capitalista. Esta é uma fase de transição do desenvolvimento da indústria, onde o artesão passa a ter apenas sua força de trabalho para vender ao capitalista em troca de um salário, ficando a critério do capitalista definir a jornada de trabalho, o volume da produção e o salário. A grande indústria se caracterizou pela formação de estabelecimentos de grande porte, com alto grau de mecanização e utilização de um elevado número de operários, intensificando a exploração e extração de mais-valia.

Todas essas etapas de desenvolvimento do indústria estão diretamente vinculadas às fases de desenvolvimento do capitalismo. A grande indústria faz parte do período de desenvolvimento do capitalismo monopolista. O capitalismo monopolista se caracteriza pelo alto grau de *concentração de capitais*, originando os *trustes* (empresas controladoras de todas as fases da produção: da extração de matéria-prima até a comercializa-

ção dos produtos), dos *cartéis* (divisão dos mercados pelas empresas), as *holdings* (controle de empresas por ações, podendo várias empresas serem controladas por um único capitalista). Este processo de concentração de capitais inaugura um período de concorrência entre gigantes, pois elimina as pequenas e médias empresas da briga pela concorrência. Outra característica do capitalismo monopolista é a fusão do capital industrial com o capital bancário, originando o capital financeiro.

No entanto, os países atrasados semicoloniais que iniciaram seu processo de industrialização tardiamente não passaram por essas etapas. A formação da indústria no Brasil já nasceu dependente do capitalismo monopolista, e controlado pela burguesia internacional, europeia e norte-americana.

A partir da década de 40, se constitui no Brasil a chamada *grande indústria*, quando surgem os estabelecimentos de grande porte como o do aço, alumínio, cimento, vidro, plástico etc (setor intermediário); de automóveis, eletrodomésticos, televisores etc (setor de bens duráveis); de máquinas de toda espécie, motores, caminhões, navios, aviões, tratores etc. (setor de bens de capital). Há uma enorme penetração de multinacionais, controladoras de todo o processo produção e concentram um grande número de operários. São empregadas técnicas mecanizadas ou automatizadas, não exigindo o emprego de operários qualificados (uma grande parcela desqualificada e uma minoria de técnicos (planejadores) e pessoal administrativo

(controladores), com escolaridade secundária ou superior.

Outros setores são influenciados por esta nova fase de desenvolvimento. O setor de serviços, com o comércio varejista que passa a ser dominado por grandes redes de lojas de departamento e supermercados; o setor de serviços de hospedagem e alimentação, dominados por companhias hoteleiras, lanchonetes, refeições congeladas etc.; no setor de saúde há a formação de companhias de saúde privada; no setor de comunicação de massa a instalação de redes de TV, rádio etc.

Há uma mudança qualitativa no proletariado deste período. O proletariado passa a assumir uma característica de subproletariado "moderno", que são trabalhadores temporários, que não usufruem dos direitos garantidos pela legislação e são superexplorados, extremamente mal pagos e com frequentes períodos de desemprego (bóias-frias no campo; peões na construção civil; vendedores de rua empregados por grandes companhias).

Há uma proletarização em massa de trabalhadores autônomos, processo que na etapa anterior era menos rápido. Ocorre uma redução significativa dos trabalhadores rurais entre o período de 1940 e 1980: em 1940 havia 64,4% e em 1980 51,6%. Os fatores que contribuíram, neste período, para diminuição do número de camponeses são vários. Dentre eles está a expropriação direta de posseiros e o empobrecimento gradativo e contínuo de pequenos agricultores. A expropriação está associada aos empre-

endimentos financiados pelos governo, como a construção de rodovias (Belém-Brasília), concessão de incentivos fiscais e subsídios creditícios a grandes projetos agropecuários (SUDAM, SUDENE), conseqüente aumento da urbanização, mecanização da lavoura etc. Esses fatores, conjugados com a característica fundiária da concentração da terra no Brasil nas mãos de uma minoria de proprietários, contribuiu imensamente para o processo de expulsão do camponês de suas terras para as cidades grandes em busca de melhores condições de vida.

Desta forma, em meados da década de 70, a população urbana passa a ser maioria no Brasil, composta por ex-camponeses expulsos de suas terras e por trabalhadores oriundos da própria cidade. Tanto que é as estatísticas dos

institutos de pesquisa indicam que a participação do trabalhador urbano no PEA (população economicamente ativa) ou seja, em fase de trabalho, em 1950 era de 47,6% e em 1980 já era de 64,9%. Havia um grande número de operários que faziam parte do exército de reserva da burguesia, facilitando assim uma maior exploração daqueles que estavam empregados e lançando outra parcela dos operários para a marginalidade.

Este período de formação da grande indústria no Brasil refletiu no desenvolvimento da organização da luta dos operários em seus organismos de classe. Os sindicatos e suas lideranças que ainda não haviam se rendido totalmente ao peleguismo (sindicalismo de Estado), eram caçados e reprimidos com violência, desmobilizando-se pela repressão qualquer forma de luta contrária aos interesses da

burguesia.

O capitalismo se desenvolvia no Brasil, mas a classe operária não participava da divisão da riqueza, tendo seus salários arrochados constantemente, definidos agora pelo salário mínimo, que ficava dependente dos acordos entre o governo e a burguesia para ser reajustado. As direções atreladas ao Estado burguês, em seus objetivos de supostamente desenvolver o capitalismo no Brasil, conspiravam contra a classe operária na medida que apoiavam o governo e a burguesia nacional. Acreditavam que assim, com uma classe operária formada poderiam promover a destruição da burguesia através da revolução. Grande erro teórico. A farsa estava montada, e a classe operária pagou caro por isso.

## Argentina

### Há só uma alternativa:

# O levantamento da nação oprimida sob a direção da classe operária para terminar de vez com a dominação imperialista que nos afoga

#### Um governo cada vez mais débil

Isto foi demonstrado pela queda dos ministros, especialmente L. Murphy. O Ministro da economia pode sustentar apenas algumas horas diante da contundente resposta popular. Este é um fato que marcou o governo que em pânico encaixou Cavallo numa posição central.

Cavallo é um símbolo da política privatista, entreguista e de ataque brutal aos trabalhadores, sob o governo Menem.

Não devemos esquecer estes fatos pela enorme importância política que têm.

Estamos frente a um governo total-

mente submetido ao imperialismo, especialmente o ianque

O voto contra a participação de Cuba foi uma demonstração clara de seu rasteirismo, inclusive de fazer o serviço sujo para conseguir a votação que necessitava Bush para sancioná-la.

Os desentendimentos com o governo brasileiro se originam no papel que está jogando para ingressar no ALCA nas condições que lhes impõem os ianques, abandonando os acordos do MERCOSUL.

#### A Estafa desta democracia dos capitalistas

Milhões votaram na Aliança com uma bandeira antimememista, em nome da transparência, contra a corrupção etc.

Em pouco mais de um ano o governo cai em mãos de Cavallo, o ex-superministro de Menem, que foi derrotado nas eleições presidenciais e que por um longo tempo foi repudiado pela maioria dos militantes radicais e frepasistas e também por seus dirigentes.

Os 'poderes especiais' outorgados pelo Congresso a Cavallo demonstram também que a Argentina, como uma república democrática (com a divisão de poderes que é consagrada na Constituição Nacional), não existe. Que não podem governar se não concentram em suas mãos todo o poder. Não porque o Congresso expressasse uma política de oposição, mas porque a debilidade do regime não pode tornar públicos os pro-

**Obras Completas de G. Lora: Adquira com o distribuidor deste jornal. Em breve: VOLUME 6 ! ! !**

jetos do governo, nem sequer como uma formalidade.

Isto porque necessitam do segredo, da surpresa das medidas para evitar resistência. A concentração do poder para governar expressa a concentração e centralização que ocorre na economia.

A decomposição do capitalismo avança. As denúncias de corrupção, contrabando, lavagem de dinheiro, máfia, evasão de impostos etc. são mostras da bancarrota dos capitalistas no governo, que já não podem ser ocultadas.

Ao mesmo tempo cresce na população a desconfiança na política burguesa, que se mostra impotente, colocando toda sua podridão e crescem as manifestações tendentes a resolver os problemas com as próprias mãos.

### **Mais e mais ataques contra a população**

Até agora o que fez Cavallo foi aplicar um "Impostação" sobre as operações bancárias que em muitos casos foram repassados aos preços. Agora lança uma generalização do pagamento do IVA (imposto sobre valor agregado) que também será pago pelos consumidores.

Cavallo também procura avançar sobre a educação reeditando o plano que detonou o ministro que o antecedeu e também sobre os Contratos Coletivos de Trabalho, em troca de incentivos para as empresas para que aumentem a produção. Enfim, Cavallo, que se apresentou como independente do FMI, acaba adotando suas instruções, sob pena de perder o dinheiro prometido para o reforço da "Blindagem" (nome do atual plano econômico argentino)

### **A população recorre à ação direta**

A situação está insuportável. Para poder resolver os mínimos problemas as massas já recorrem à ação direta, pois já não espera que o Estado e seus governos possam resolver por sua própria vontade e decisão.

Desde uma escola com problemas, a falta de lombadas, presença de ratos, até ameaça de demissão ou reivindicação de emprego dão lugar aos bloqueios de estradas e rodovias. A paciência está se esgotando.

A mensagem que as massas estão dando é que estas colocam em pé, mesmo que com todas as dificuldades, ainda que com direções conciliadoras ou abertamente traidoras. Ante esta situação devemos reforçar a voz dos que repudiam o eleitoralismo e o democratismo; dos que já compreendem que a via das eleições e parlamento não pode resolver nada.

### **As direções Burocráticas pactuaram a trégua**

A CGT de Moyano e a CTA se colocaram ao serviço dos setores patronais que os mandaram levantar as medidas de força para dar tempo a Cavallo. Estes dirigentes burocráticos representam o Partido Justicialista, aos governadores, ou a alguma outra fração da burguesia, mas nunca os trabalhadores. Este tempo servirá para Cavallo maquiar o Plano de Murphy e voltar a carga.

Mesmo a proposta de não participarem das mesas de negociações do governo não são sérias, pois no essencial trabalham para isolar as lutas em curso. E mesmo o CCC que coordena sempre suas atividades com o CTA e a CGT de Moyano nunca criticam seus aliados que se subordinam às necessidades do capital.

### **Qual a perspectiva**

Os partidos patronais entraram em uma nova crise, especialmente os que

ganham as eleições. Vários dirigentes se afastaram do governo e formaram suas próprias correntes. Em geral com as consignas fracassadas da FREPASO de capitalismo mais humanizado, com melhor divisão do bolo. Uma destas correntes lideradas pelo Padre Farinello é o "Pólo Social" para explorar eleitoralmente a desilusão de quem se aproxima de Esquerda Unida.


O governo dos banqueiros vai inevitavelmente para um confronto mais fundo com as massas sendo necessário prepararmo-nos para fazer frente e derrotá-los. Isto nos obriga a formular a necessidade de um reagrupamento para impulsionar a ação direta de massas em todas as frentes ao redor de uma pauta única de reivindicações que permita generalizar a luta e elevar politicamente a perspectiva da luta no sentido de questionar diretamente o poder.

Esta luta deve convergir numa Frente Única Antiimperialista, dirigida pela classe operária para materializar a revolução social. Isto coloca o problema de imaturidade da classe operária argentina que não conseguiu ainda construir seu Partido Revolucionário. Está é a tarefa! Não se fará revolução na Argentina se a classe operária não for capaz de vencer ideologicamente a burguesia e ganhar a massa de explorados e oprimidos da cidade e do campo para esta estratégia.

(extratos tirados do editorial do Jornal "Masas" argentino nº 155, de 1º de maio de 2001)

## **PALESTRA-DEBATE**

# **Escravidão: raiz do capitalismo no Brasil**

- **História da escravidão no Brasil**
  - **Escravidão e formação do capitalismo**
  - **Opressão do negro hoje**
  - **Teses da III Internacional sobre a questão do negro**
- 

**POR** Tendência pelo Partido Operário Revolucionário

Veja data, horário e local com o distribuidor deste jornal

# A Rússia Também Agora pode nos Ensinar

Os mecanicistas, que abusivamente se auto-intitulam "marxistas" acreditam resolver todos os problemas com uma sentença ultimativista: *Rússia Já é Completamente Capitalista!*

No passado se negavam a aceitar que o estalinismo, desde a época de sua afirmação como tendência atrevidamente revisionista, não foi outra coisa que o instrumento da política burguesa.

Atualmente quem esta na cabeça do poder é o estalinismo. Muitos burocratas se tornaram potências econômicas a sombra da *nomenklatura*. Como na China, onde o capitalismo avança apoiando-se numa ditadura estalinista forte.

A Perestroika abriu o caminho para a restauração capitalista na URSS. As multinacionais viram frustrados seus sonhos de se beneficiarem quase imediatamente de um rápido e crescente ascenso capitalista da Rússia, coisa que até agora não ocorreu. Parte da produção foi paralisada, o desemprego massivo é impressionante, além dos salários baixíssimos, das perdas das conquistas sociais, o avanço da corrupção, da delinqüência etc. são

impressionantes. O sonho do aparecimento na Rússia de um capitalismo novo, vigoroso, pujante e que seria o ponto de partida do renascimento da sociedade burguesa sem seus vícios etc. virou fumaça.

Os avanços do capitalismo na Rússia, China, Cuba etc. são batizados de economia de mercado social, que em muitos setores da burguesia, supostamente nova e progressiva, vem utilizando o mesmo para enganar os ingênuos.

Algo que devemos ter em conta

Por acaso os operários, que suportaram a ditadura sanguinária e contra-revolucionária dos satrapas do Kremlin, aceitam com a cabeça baixa e em silêncio as conseqüências desastrosas dos avanços do capitalismo? Os que respondem que sim não são uns impostores?

Em março deste ano, Vladimir Putin disse que o objetivo do plano quinquenal de educação patriótica era *"reeducar os russos para acabar com seu egoísmo, seu cinismo e sua agressividade, restaurar o*

*prestígio do exército e o respeito ao governo"*. Segundo os observadores: *"Sem as reformas econômicas, sociais e políticas que permitiriam ao país sair de seu marasmo, devemos duvidar que este programa mobilize a uma população empobrecida, humilhada e obrigada a sobreviver no extremo"*.

Os operários se organizam, ocupam as fábricas para acabar com a corrupção e a ineficiência.

A jornalista C. Braeckman surpresa apresenta as várias formas de resistência dos operários ao sistema de exploração e de desumanização. *"Todos estes trabalhadores precarizados que constituem a maior parte da população, que dão a impressão de se arrastar no fundo da sociedade, nos são mostrados de forma distinta se se tem em conta as perspectivas arrancadas das grandes alturas do Olimpo do Kremlin"*

Estes que lutam contra a barbárie capitalista que avança com o amparo do governo de medula estalinista, serão os que levarão a sociedade até o comunismo.

(extraído do Jornal "Masas" boliviano n.º 1758 de 4/5/2001)

## Bolívia

# Duas Posições Opostas e Excludentes no Cenário

De um lado o governo, o empresariado, a Igreja (buscam a defesa da ordem social baseada na grande propriedade privada e no submetimento ao imperialismo). Do outro, a Nação oprimida dirigida pelo proletariado (luta por arrancar as empresas das mãos das multinacionais e dar fim ao neoliberalismo e à opressão imperialista).

O bloco burguês se empenha por conseguir um acordo no marco constitucional (defesa da grande propriedade e submetimento) e impô-lo por todos os meios ao país.

Para os que propõem esta saída para a situação convulsiva em que vivemos, seria a derrota da maioria nacional (dos oprimidos e explorados), sua escravização aos capitalistas e aos Estados Uni-

dos.

A manobra de pacificação dos bolivianos se encaminha para assegurar ocorreram as eleições de 2002, para dar a impressão de que existe no país um governo democratizante assentado na maioria nacional.

A imposição de um acordo entre pobres e ricos leva a imposição da escravização dos primeiros. Para que esta calamidade continue, é preciso que a burguesia disfarce sua ditadura com uma suposta aceitação popular.

A maioria nacional superou as ilusões democráticas. Não confia em eleições, em parlamento, nem nos governos burgueses, importando pouco se os políticos que fazem parte de tal o qual partido da classe dominante.

A nação oprimida luta para destruir as multinacionais, a Constituição e governos que impõe a classe dominante. Por isso não pode haver cooperação, identidade de objetivos (divisão igualitária das riquezas patronais, por exemplo) entre explorados e exploradores, sua luta até a morte vem da própria essência da sociedade capitalista.

A traição dos de cima já se vislumbra no horizonte: os vendidos e esfomeados se apressam em utilizar a Igreja, os defensores dos Direitos Humanos e a Imprensa para aprovar um acordo entre dirigentes sindicais, populares e agentes dos de cima para garantir a continuidade da escravidão da maioria nacional

(extraído do Jornal "Masas" boliviano n.º 1758 de 4/5/2001)